



Súmula
(fantasia vimaranense)
José Manuel Mendes*

Sento-me numa das mesas do Milenário. O tempo tudo mudou e, no entanto, é agora que escrevo no intervalo de uma aula, análise e invenções a partir do fragmento da Matilde Rosa Araújo, verbos incoativos, turbulência dos miúdos sem custo debelada. Sai o portão do Liceu, que hoje se não designa assim, trago se calhar umas lérias trocadas com o Dr. Fernando Conceição, livros, cadernos, cigarros, a camisa aberta no peito, junho vai quente, atravessei o Largo sob um sol de soja e o flandar dos tentilhões. Árvores, cabina de telefone, o coreto em que me dirigi ao povo no imediato pós-abril e nas refregas eleitorais durante a década de 80, bicicletas, velhos nos espaços à sombra. Fim da manhã. Percorrera a cidade nos meses e anos anteriores, não ainda com José Saramago, que só mais tarde iniciará **Viagem a Portugal**. Fumo, fumo muito, há-de chegar o Jorge Peixoto, cedo traído pelo infrene coração, temos almoço na Nora do Zé da Curva, ali adiante, e muitos enredos por concluir: a história de Vímara Peres, tão feita de nevoeiros e conjecturas, os tópicos inverídicos nas crónicas sobre Mumadona, temas cuja trato ocorrerá sem método no meio da insurgência do presente. O Povo de Guimarães, direi. Ao acaso. Ou um recital no Círculo de Arte e Recreio, poetas das mil latitudes, traduzidos por nós.

* Membro do Conselho Cultural da Universidade do Minho e professor auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da mesma Universidade.

Peço café, ainda o de saco que bebia outrora?, não sei o que é outrora em mim, há marcos que me são exteriores, estranhos, as datas da edificação do Paço dos Duques de Bragança por exemplo, a luz dera-lhe uma cor baunilha quando o revisei, Michel Deguy a meu lado, ou o concreto ano em que Fernando Namora aqui veio, jornada secreta da luta democrática. Ergo a chávena entre os dedos e com ele, já por ocasião de **Os Adoradores do Sol**, projecto a subida à Penha, aguardam-nos Santos Simões e Eduardo Ribeiro, que viria a tornar-se autor primordial das obras no Convento de Santa Marinha da Costa. Deixemos estas interrogações a propósito do que (im)permanece, a osmose das eras, a geração de um calendário ucrónico que nunca terminarei. O Toural modificou-se, lá vi o chafariz renascentista, a alcatifa de pedra numa extensão que a ramagem entrecorta e aromatiza. Os jogos das crianças. A paleta do pintor que transcreve a Muralha, boné com a pala para a nuca, assobio de pássaro sequioso. A um dos bancos do jardim daria o nome do cauteleiro que em verso me contou a saga daquela domínica apaixonada por um soldado, escapulia-se da Igreja nas noites de lacraus e viração, reentrava ao alvorecer, e certa vez, culpa da lua cheia poisada na alambra ou dos ralos, a madre superiora viu-a partir, pôs-se de atalaia junto à gelosia de uma cela alheia, por trás do cortinado, rosário nos dedos, e, mal ela apareceu no corredor, encomendou-a às sete pragas do ergástulo. Aí morreu de física e amores, ai amores, amores que deus quer e não quer, nisso não me meto, negócios do divino?, não me meto, não. Um dos bancos pertencia-lhe como a harmónica calada no bolso do casaco.

Esta cidade é a dos roteiros com amigos, percursos a sós de rua em beco, pelos antiquários, lojas e moradas de convívio. Caminho pela Gil Vicente, não tardará nova bâtega. A salsugem vem de Vancouver, guindastes, barcos, o arrulhar das águas, cerveja e ostras, Philip O'Malley encadeando irish tales, azáfama do porto, bares numa esplanada varrida pela música. Caminho e penso nos cadernos que em vão acumulam pedaços do vivido. Súbito, no encaicho do Raul Brandão,

Que faz Você pelos domínios de Afonso Henriques?

Olhe, a maior urgência é o tabaco. Sabe porventura

Sei e garanto-lhe que essa se resolve ao virar da esquina.

Deixei esgotar o tabaco, imagine

Augusto Abelaira, casacão e boina, jornal debaixo do braço. Suspendo os cristais de Vancouver, a prostituta italiana ao balcão quando fui escolher um isqueiro, tutto nebbia e malinconia, tutto, tutto, caixa registadora à moda dos idos portugueses de 50 e 60, bebedeiras, algazarra.

E, em seguida, tratamos da fome no Oriental. Que lhe parece?

Parece-me bem. Você sabe como se vai para Nespereira?

Visitara a quinta com o Santos Simões um punhado de vezes. Ele editara parte da obra brandoniana numa editora em Coimbra, a Coimbra que era um dos seus eixos: próxima de Penela, onde nascera, reduto da juventude (o curso, Matemática, a insubmissão académica e política, os companheiros que formavam uma colmeia impreterível). Perduravam no espaço que Maria Angelina cuidara reminiscências, arredores de tantos parágrafos do autor dilecto. Camponeses, o ladrido dos cães, os frutos num pomar vizinho. Odor a feno, à resina que a brisa recolhia nos pinhais. Preguiça dos ocasos, um a um.

Sentado à mesa do Milenário. Café, por favor, não peço cinzeiro, não peço folhados nem caracóis, café apenas e não de saco, Guimarães será para mim a súmula das errâncias e vicissitudes, na maioria resguardadas, indesveláveis, e sobretudo a memória de Joaquim António dos Santos Simões. No teatro, com ele pude absorver conceitos e técnicas fundamentais, o legado de dramaturgos como Ibsen, Strindberg, Mestre Gil, Raul Brandão, Tchekhov, Brecht, Bernardo Santareno, Sartre, os clássicos gregos. No cinema, de Murnau, Chaplin, Hitchcock, Renoir, aos italianos, Visconti, Antonioni, à nouvelle vague, malgrado as reservas a este ou aquele dos seus ícones, Jean-Luc Godard à cabeça. Na defesa do património, monumentos, campos arqueológicos, sítios, sem virar costas ao renovo a introduzir-se nas visões urbanas (arquitectura e ecologia). A actividade que desenvolveu, sem vedetismos ou alarde, dispersava-se por organizações de timbre diferenciado, do Círculo aos núcleos amadores, do Cineclub e da animação por colectividades populares à Comissão Instaladora da Universidade do Minho, da Sociedade Martins Sarmiento, que se transfigurou sob a sua presidência (Biblioteca, Arquivo, Hemeroteca, revista, conferências,

colóquios, aprimoramento dos acervos), às escolas do concelho e do distrito. Papéis na mão, sorriso incentivador, cordialidade. E a pide como visco na treva do fascismo.

Contemplo o Toural. E implanto uma ponte sobre a pedra. Uma ponte, água correndo, Camões, lágrimas, lágrimas em fio, de uns e outros olhos derivadas, rio do humano sofrimento através das épocas: soldados, operários do têxtil, doentes terminais, rurais afligidos por incêndios, calamidades, misérias, defuntos, os familiares e entes próximos nas gradações do luto, peço-lhe um lápis sortilégio, Fernando Távora, como pediria a Álvaro Siza Vieira ou Souto Moura, peço-vos uma ponte e um rio, um rio com limos, peixes, fascículos umbrosos onde colher a brisa. Observo os que vagueiam pela construção em devir, viro a página do caderno, irei ao Convento de Santo António dos Capuchos, na Colina Sagrada, quatro ou cinco pormenores a apurar, e, logo, findas as contendas do jantar, ao concerto no Multiusos, o Luís Represas saudando-me num etéreo perpassar de estrelas que só nós, eu e o Trovante, acendemos, quem ovaciona a dedicatória fundida nos acordes das canções, quem polui, quem rasga os meus tão castos lençóis?, em Vimarais moro no olvido, caro Pessanha, deambulo incógnito pelas instituições que ajudei a nascer, você sabe como é, no chão sumido, paro o verso esconjurando os que batem ao postigo do pensamento, poesia a despropósito numa crônica à mercê do imprevisito.

Hei-de assistir, ou assisti, pretérito perfeito simples, tanto faz (ucronia, oh ilusão), ao recital de Michael Nyman no Vila Flor. Apreço ponderado, semelhante ao que me proporcionou o do Ludovico Einaudi na sala do São Luiz, salvaguardadas as diferenças. Acerca de ambos troquei uns mimos com o Bernardo Sasseti (deixei fugir por três dias o solstício do verão, costumavas interpor, e rias, um riso único, ríamos), não será uma falésia a impedir-nos de prosseguir a rixa, hipérbole tua, pelas ruelas do Chiado declinando em direcção à Férin. Quanto ao Arvo Pärt pleno acordo, **Alina** ou **Tabula rasa**, as **piano works** ou a **Symphonie nº 2**. O Preisner, para não desaguarmos nos Schumann, Mozart, Chopin, Beethoven, Bach and so on, o **Requiem** do Preisner, as **easy peaces**, os grandes do jazz, Bud Powell, Art Farmer, Oscar Peterson, Kenny Wheeler, Keith Jarrett.

Mantemos em paz Dvoráks e Góreckis, Bernardo?

Esses tipos são todos feitos da matéria dos deuses, tu sabes.

Ensina-me os rudimentos do *tintinnabulum*,

Com as teclas era fácil, sinos ou fontes, o Pärt

Que não é um minimalista canónico

Não, não. Ele é um inventor. Inventa, inventa sempre.

Não será uma falésia, Bernardo. Bebe um copo de salsaparrilha no Milenário (o Jorge Peixoto dizia Milionário), se um iPad e a salsaparrilha combinam, um sumo de tomate, vá, para reduzir os embaraços no balcão, Ok, tens o estúdio à espera, "Goodbye, I hope you return from the war" (Salinger). Fito, ao longe, a esplanada na folha direita do rio, em parte encoberta pela ponte sobre a pedra, um brilho de abelhas, o limonadeiro, anciãos de bengala e chapéu cercados por garotos e cidadãos com brasas no andar. Um daqueles homens idosos, todo ele aprumo, rijeza, poderia ser o Emídio Guerreiro, que saúdo no auditório em que decorreu o lançamento de um romance do José Saramago. Voltemos, no entanto, a Michael Nyman no Vila Flor. Os Pink Floyd levaram-me ao Vicente Calderón (Madrid, temperaturas na casa dos 40º, esgotadas as garrafas que nos banhavam miolos e corpos seminus, esgotados os gelados e víveres, let's sing, my friends, **Comfortably Numb**, e, no encore de despedida, **Run like Hell**), o Bruce a Barcelona, Pavarotti a Caracala, Serge Regiani e Pierre Boulez a Paris, Barbara Hendricks à Cidadela de Cascais, Angelopoulos a Londres, seria um não acabar de alusões, e Michael Nyman, para uma segunda audição, além ao Centro Cultural.

Estou a vê-lo, Michael, descendo do teleférico na Penha. Ou na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: Igreja, claustros, o laudel de Aljubarrota, o altar, As Santas Mães, what a picture! Olhar penetrante o seu pela Rua D. João I até à Docélia, um músico celebrado pode lá perder os castelinhos da Docélia?, detendo-se a sondar os cirros que mordem o topo do casario e as assonâncias a emergir num seu pentagrama in mentis. Deixe-me narrar-lhe episódios dos meus périplos com outros compositores, filósofos, poetas, ficcionistas, por recantos de Braga, Lisboa, Coimbra, o pequeno país, fatigados e despertos

como você neste transe, Jacques Réda, Les ruines de Paris, les ruines de Bracara Augusta, do Arco da Porta Nova para a Catedral, Alan Sokal, que discussão travámos, irreduzíveis (veemência, não destempero), numa cercadura de granito e bosque, Jacques Derrida subindo ao Castelo de São Jorge sob as agrestias do anoitecer (Parlamento de Escritores, o conceito de hospitalidade), Manolo Vásquez Montalbán em São Frutuoso, Juliette Gréco, où est-il mon pauvre con de mari?, paradis, cheiro a fritos, uma guitarra na televisão do botequim em que não arriscámos um cálice de Porto. Excedo-me, desculpe, queria escutar-lhe as impressões do passeio e, afinal, desatei a língua à toa. Garçon, chamo, Milenário repleto, Glenfiddich, no rocks please. Estranho a ausência do Eduardo Ribeiro e do Sá Tinoco, incondicional do Roger Vaillant, **Beau Masque** ou **La Truite**, caríssimo?, **Drôle de jeu**, contraponho, não há ritual que se não altere, uma deslocação às Finanças, encrencas do trânsito, um corte de cabelo. O Jorge demorará pouco, 20 ou 30 minutos. Em que século disseram que morreste?

Retorno ao caderno. Rascunhos, notações (Museu Alberto Sampaio, Padrão do Salado, Paço dos Duques de Bragança), contarellos, desenhos, esboços, farrapos diarísticos. Tiro a caneta de feltro, planifico compromissos e intentos, avalio o uísque. Um indicador a espeta-se no meu ombro, apanhou-me desprevenido. Bienvenue, Madame, un scotch, une bière?, Ouais, une bière, a colega que vai para Urgeses, esbelta, prazenteira, Racontez-moi l'histoire du pêcheur de mots, Essa não, e se fôssemos à Índia com o herói rasca do Gonçalo M.?, D'accord, à boleia de Solimão, o elefante, em agosto, Agosto?, Por ora precisamos de honrar a cozinha do Zé da Curva. Embarco o uísque residual, arrumo a tralha, pago as despesas, estendo a nota, escudos ou euros?, levanto o troco. Devagar. Quando nos afastamos do Milenário, acompanhados pelo Jorge Peixoto, maleta e cigarrilha, a chuvinha rufa no asfalto, o teu guarda-chuva alberga num ápice três almocreves estugando o passo, ó da barca, de pulo ou de voo?, Vimarães é metrópole à Fellini, refulja o astro da folia que a fome se pôs negra e la nave va.